

**A
Resolução
de
North and South
de
Elizabeth Gaskell**



Paula Alexandra Guimarães 1993
Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos
Instituto de Letras e Ciências Humanas
Universidade do Minho
Braga

A Resolução de *North and South* de Elizabeth Gaskell

PAULA ALEXANDRA GUIMARÃES

A "geografia" de um romance como *North and South* (1854-55) é difícil de ignorar. Talvez, por esse motivo, o título do romance em questão tenha sido preferido a um título meramente nominal. Por outro lado, ele parece querer despertar-nos para algo grandioso e que, por isso mesmo, abarca uma infinidade de objectos e significações. Se o seu título tivesse sido *Margaret* ou *Margaret Hale* (no seguimento de *Mary Barton* e *Ruth*), penso que não conseguiria ser tão representativo das realidades existentes dentro dele.

O sucesso de tal título não está dependente apenas da ideia de oposição entre dois pontos cardeais; não é, por isso, uma mera dicotomia geográfica. Na realidade, "North" e "South" representam dois mundos diferentes e também dois espíritos opostos. Com isto, não queremos significar apenas a diversidade de mentalidades e costumes de um povo, mas também a diversidade existente dentro do próprio ser individual. Este é o motivo pelo qual o herói neste romance não é o povo inglês do norte, nem mesmo o povo inglês do sul, mas sim a filha de um clérigo que se muda de um sul bucólico para um norte industrial.

O trajecto geográfico de Margaret Hale é, ao mesmo tempo, representativo de realidades geográficas e culturais diferentes e simbólico do trajecto mental e psicológico por ela efectuado no romance. Assim, a "geografia" de *North and South*, além de ser omnipresente no universo do romance, é o motor do mesmo no que respeita à evolução da heroína. A viagem de Margaret em direcção ao norte é também a viagem que a leva ao estado de adulta. E, como iremos constatar, a inter-relação destas duas vai reflectir-se na resolução final do romance.

A oposição entre norte e sul, no entanto, não é a única existente neste romance. Na verdade, ele constitui "one continued series of oppositions"¹; tudo gira à volta de modelos conflituais mais ou menos explícitos. Mas não existe um desequilíbrio no romance por esse facto; antes pelo contrário, nota-se um certo prazer no jogo dessas oposições, que é sentido não apenas pela autora mas também pela sua heroína e por outros personagens. Esta atracção aparente pelo conflito de *per se* dá uma força e dinamismo grandes ao texto. Isto porque E. Gaskell não se limita a opor o operário ao patrão na incessante luta de classes, mas opõe também o homem e a mulher numa luta de sexos. Tudo isto culmina na luta

entre visões do mundo distintas: a da Economia Política e a do Cristianismo; a do individualismo e a do intervencionismo; a dos valores materiais e a dos valores espirituais; a da indústria e a da cultura.

Deste modo, conseguimos compreender porque é que a dicotomia "North" e "South" é um pouco paradigmática: ela acaba por funcionar como o próprio símbolo de todas as oposições que sejamos capazes de detectar no romance. A razão de ser disto é a seguinte: existe uma inter-relação muito forte entre os vários modelos conflituais. Em *North and South* esses modelos têm em comum a luta pelo poder, pela hegemonia de uma classe, sexo ou ideologia. Têm ainda em comum a mesma heroína, Margaret Hale, que se movimenta entre eles procurando mediar entre as partes beligerantes. O seu papel é, por este motivo, fundamental, não só na economia do romance, mas também no pôr em causa determinados preconceitos que marginalizavam as camadas sociais mais desprotegidas: os trabalhadores e as mulheres.

Sendo Margaret o veículo através do qual as várias oposições e dicotomias vão sendo confrontadas ao longo do romance, é legítimo inquirir sobre o modo como o mesmo se propõe resolver os vários conflitos existentes em *North and South*. Seria, de igual modo, pertinente inquirir sobre a existência de uma solução "comum" para todos os conflitos de índole industrial, social, educacional, religiosa e psicológica.

O papel de Margaret como "filha ideológica da autora" permite-nos analisar o ponto de vista oferecido pelo romance em si. Antes de sabermos que soluções a autora pretende dar ao Grande Conflito que é *North and South*, temos de conhecer muito bem não só a maneira de pensar mas também a maneira de agir da própria heroína. Também não podemos ignorar o facto de que estas se vão modificando à medida que ela vai ultrapassando determinados obstáculos até atingir o equilíbrio na maturidade. Queremos com isto dizer que qualquer tentativa de resolução deste romance terá que se basear em dados muito subjectivos e aproximativos que conduzirão, no melhor dos casos, a uma afirmação hipotética.

No entanto, e apesar disso, existem elementos no romance que nos fazem vislumbrar uma determinada perspectiva dada ao mesmo pela autora. Tal como Margaret e seu pai, Mr. Hale, procuram tentar pôr em contacto o operário e o patrão, o homem e a mulher, o pagão e o religioso, o industrial e o estudioso, também E. Gaskell procurou mostrar aos seus contemporâneos que, se eles quisessem, uma reconciliação e um entendimento entre as partes em conflito não só era desejável como possível.

A condição social da heroína é mais um elemento que nos permite concluir acerca da perspectiva da autora e da grande identificação existente entre a entidade criadora e o objecto criado. Em *Mary Barton*, E. Gaskell habituou-nos à ideia de uma heroína

proveniente da classe trabalhadora, quase uma operária. Em *North and South*, a heroína é originária de uma classe média baixa à qual a própria E. Gaskell pertencia. Isto permite-nos concluir que os valores perfilhados por uma jovem como Margaret não seriam muito diferentes dos valores sócio-culturais e morais que informam a consciência da sua criadora. Por este motivo, a visão ou perspectiva ideológica de E. Gaskell é essencialmente construída com base nesses valores comuns à sua classe. Como afirma Raymond Williams, referindo-se ao enredo do romance: "Because this is largely Mrs. Gaskell's own situation, the integration of the book is markedly superior"².

É necessário, em primeiro lugar, analisar de perto o trajecto percorrido pela protagonista no romance para que possamos ver a forma como ela progride em direcção ao seu estatuto de mediadora na resolução dos conflitos.

O primeiro capítulo do romance apresenta Margaret na casa de sua tia, em Londres, e serve para nos demonstrar as grandes diferenças entre ela e sua prima Edith. A natureza desta última é adequadamente resumida pela forma como se veste e pela sua aparência; na realidade, ela não passa de uma "...soft ball of muslin and ribbon, and silken curls" (*North and South*, p.35). Mas Margaret é diferente: a sua essência mais fina reside na sua consciência mais do que na sua aparência, que aliás nos é descrita do seguinte modo:

" Margaret's tall, finely made figure, in the black dress she was wearing (...) set off the long beautiful folds of the gorgeous shawls that would have half-smothered Edith." (N.S.; p.39)

De forma equivalente, Margaret parece encontrar-se deslocada em Harley Street. A autora mostra-nos que a sua situação é de uma natureza condicional e hipotética. Ao tratar a sociedade londrina, E. Gaskell usa a sátira social na forma admirável como transmite a superficialidade da existência levada por Mrs. Shaw e sua filha Edith. (N. S.; p 44). Assim, ao referir-se à vida em Harley Street, Gaskell reflecte a atitude de Margaret:

"... the bare knowledge of the existence of every trouble or care seemed scarcely to have penetrated (...) the very servants lived in an underground world of their own, of which she knew neither the hopes nor the fears..." (N.S.; p.458).

Parece-nos (na sequência do que afirma Martin Dodsworth, na sua Introdução à obra; Penguin Books, 1986) que Gaskell decide deliberadamente confundir o leitor nos primeiros capítulos, com o objectivo de tornar claro o tipo de romance que ela não vai escrever. Porque a história e a sua heroína vão, de facto, ser pouco convencionais, a autora

começa por separar Margaret dos afazeres femininos convencionais da abertura do romance.

Por outro lado, embora a posição ambígua de Margaret em Harley Street, a proposta de casamento de Mr. Lennox e as dúvidas religiosas de Mr. Hale sejam deveras interessantes, elas não constituem o tom geral do livro. Na verdade, o romance começa três vezes - em Harley Street, em Helstone, e em Milton - e só parece arrancar definitivamente à terceira tentativa. Isto procura chamar a atenção para a experiência interior da personagem central (mostrando a sua reação aos lugares por onde passa). Pela simetria que Gaskell mostra na concepção da intriga, a história de Margaret forma um verdadeiro círculo; os locais do romance são apresentados nesta ordem: Londres, Helstone, Milton-Northern, Helstone, Londres.

Helstone, embora representada idilicamente por Elizabeth Gaskell como o meio rural por excelência, onde a serenidade, a beleza pastoral, a tranquilidade e a reflexão se complementam, pode ser também uma realidade dura. Esta está presente nos aspectos menos agradáveis da vida dos trabalhadores rurais e na própria vida que Margaret tinha dentro de casa (o descontentamento de sua mãe com a sua posição de mulher de um clérigo pobre e a absorção introspectiva de Mr. Hale). Apesar de tudo, Helstone está ligada de forma crucial à inocência feminina de Margaret. Isto torna-se claro quando Henry Lennox lhe propõe casamento e é rejeitado. Margaret diz: "I don't like to be spoken to as you have been doing" (N.S., p.61). Depois, ela sente-se "guilty and ashamed of having grown so much into a woman as to be thought of in marriage". (pp.60-61, 65). Assim, como afirma Barbara L. Harman:

"The penetration into Eden of sexual love and religious dissent (and in the persons of Margaret's parents, of marital discord as well) puts an end to Margaret's vision of home as paradise". (Harman, p.363)

No entanto, é no norte industrial, e mais concretamente numa cidade fabril que Margaret, paradoxalmente, vai encontrar o seu verdadeiro meio (apesar de este ter em parte contribuído para a morte precoce de seus pais).

Em Milton Northern (a Manchester de Gaskell), Margaret descobre gradualmente dois tipos de vida muito diferentes - o representado pela família Higgins e o ilustrado pela família Thornton. A primeira é uma família da classe operária e a segunda uma família da classe dos fabricantes ricos do norte. No entanto, a história é narrada do ponto de vista da classe média (principalmente o de Margaret e em parte o de Thornton); ao contrário de *Mary Barton* em que a narração toma o ponto de vista da classe operária. Apesar disso, o conhecimento íntimo que Gaskell possuía das condições físicas e espirituais dos lares da

classe trabalhadora está bem exemplificada nas suas descrições do local e dos credos da família Higgins. Por um lado, temos as visões apocalípticas e as "Methodic fancies" de Bessy, por outro, a filantropia pragmática de Higgins, um racionalista que testava o Cristianismo pelos seus frutos. A outra única família da classe trabalhadora no romance é composta pelos Boucher, o improvidente operário e contrariado sindicalista, a sua mulher doente e os seus oito filhos. O destino de Boucher é ser desprezado tanto por Higgins, o sindicalista, como por Hamper, o patrão. Ele é, assim, uma figura ao mesmo tempo trágica e cômica. Estes meios desfavorecidos vão permitir a Margaret exercer a sua acção humanitária.

A maior parte da porção central do romance é, no entanto, passada num meio muito diferente do dos Higgins ou do dos Bouchers. É um mundo que remete para "Thornton o'Marlborough Mill", um mundo de utilitarismo, de "laissez faire", de progresso industrial, de economia política e de individualismo feroz. A própria personagem de Thornton - o "self-made man" - parece ter sido inspirada em James Nasmyth, o inventor do "steam hammer". Margaret vai entrar gradualmente neste meio ao tentar influenciar as medidas negociais de Mr. Thornton. Ambos debatem os direitos e as responsabilidades de patrões e trabalhadores. Embora ela procurasse inicialmente manter-se distante de Thornton através da sua "maiden freedom" (p.100) e do seu desprezo pelos "shopmen", no jantar oferecido por aquele, Margaret entretém-se a ouvir a conversa dos industriais: "She liked the exaltation in the sense of power which these Milton men had." (N.S.; p.217).

Margaret começa a mover-se à vontade em ambos os meios, depois de uma aversão inicial em relação a Milton. Da mesma forma, a capacidade de Margaret ser "amused" ou "irritated" (p.111), e eventualmente de travar conhecimento com um dos operários (N. Higgins), é um sinal da vontade crescente que Margaret tem de se misturar. Aos poucos vai deixando de se indignar com os modos dos habitantes de Milton, como acontecia anteriormente: "...she alternately dreaded...the workmen, who commented not on her dress, but on her looks, in the same open, fearless manner" (p.110). Tal como afirma John Lucas:

"Overcoming this [Margaret's prejudice] is an important feature of her lifting the barrier to hope (...) When Margaret returns south, her life in the north gives her fresh insight into the exclusive world which had formed her earlier prejudices".
(Lucas, p.196)

A parte de "Helstone revisitada", propriamente dita, serve para mostrar o estado de espírito de Margaret (o de tristeza e melancolia) no retorno à sua casa depois da morte de seus pais. Mas marca fundamentalmente o momento em que ela, pela primeira vez, se detém para reflectir sobre o efeito do tempo no que a rodeia e nela mesma. Margaret vê tudo

mudado à sua volta: "The parsonage was so altered", "a tree gone here, a bough there", "There was change everywhere; slight, yet pervading all" (N.S.; p.480-81). No entanto, ela consegue ver a inevitabilidade da mudança e a impossibilidade de reaver a sua infância perdida. E reconhece que tal mudança é marca do seu crescimento: " I did not think I had been so old" (p.464). O seu caminho é, assim, do sul do passado para o norte do futuro. Norte e Sul são simbolicamente estados mentais com uma significância pessoal para Margaret.]

Além da análise do percurso da heroína, existem outros elementos no romance que nos podem elucidar um pouco sobre a resolução do mesmo. *North and South* parece ter mais aquilo que Hilary Schor declara ser "one continued series of oppositions". Segundo ela, o processo de traçar analogias - "similar but different" - é o material não apenas da unificação social mas também da unificação sexual do romance, sendo a função do enredo amoroso convencer-nos da "similaridade" para tornar possível o casamento ou união do "diferente"³. Parece ser importante para Gaskell que pensemos nesta União como constituindo a própria solução oferecida pelo romance.]

Com os seus movimentos geográficos, *North and South* parece também mudar as suas preocupações temáticas: de um romance de casamento para um romance de dúvida religiosa, de um romance de sociedade para um romance político; de relações familiares para relações industriais. *North and South* funciona no sentido de "cortar" constantemente com as previsões dos seus leitores. Existe ainda um "cortar" das nossas expectativas em relação à própria heroína: a pouco tradicional, questionadora Margaret é igualmente difícil de "fixar" no enredo: ela pode ser, ao mesmo tempo, uma aventureira social, uma filha cumpridora, uma mediadora entre as classes, e pode ainda casar.

Visto que Margaret intervém em todas as oposições existentes no romance, na relação operário/patrão, homem/mulher e ainda na oposição entre a Economia Política e o Cristianismo, podemos ler a Oposição central do romance como sendo simultaneamente política e sexual. Por um lado, Thornton é levado a perder a autoridade através do amor, para que Margaret a possa adquirir. Por outro, as forças do poder económico estão constantemente a intervir no enredo romanesco de Margaret e Thornton, através das greves, das carências, e dos negócios falhados.

É, efectivamente, a greve dos trabalhadores que desencadeia a torrente dos acontecimentos necessários, e é uma quebra no mercado (levando à ruína de Thornton) que torna possível a sua solução (este inicia as suas reformas sociais e Margaret vai apoiá-lo com a sua herança). Desta forma, o enredo amoroso oferece a metáfora central de união no romance. Tal como Margaret e Thornton ultrapassaram as suas dificuldades e preconceitos

no final, também os trabalhadores e os seus patrões podem aprender a ver os seus objectivos comuns.

No entanto, e como afirma Hilary Schor: " A feminist reader might begin with this questioning of the role of the sympathizing woman in reconciling the oppositions of England"; e acrescenta: "a more cynical reader might simply comment that Gaskell's faith in the powers of union is optimistic, at best" (Schor, p.144). Assim, na opinião dela, do mesmo modo que o romance parece céptico acerca da capacidade dos textos (o romance, neste caso) oferecerem soluções, é-o também acerca da capacidade dos leitores mudarem as suas expectativas habituais; isto porque nenhuma transformação maior que o casamento é assegurada no final. Por mais trabalho que Gaskell tivesse em imaginar um final que pudesse verdadeiramente redistribuir o poder, o romance mostra a sua dificuldade de trazer os personagens até à resolução social assinalada pelo enredo do casamento.

Apesar de tudo, o triunfo do abraço final entre Margaret e Thornton é ganho pelas transformações em ambos os personagens, precisamente contra os preconceitos sociais da tia de Margaret (representante do Sul) e da mãe de Thornton (representante do Norte) nesse ultrapassar das oposições sociais. O que leva Margaret ao casamento, e o que a afasta dele, são ambos lidos através das divisões sociais. O segredo da visita de Frederick que tanto envergonhava Margaret face a Thornton é revelado a este por Higgins, o operário. Sem as amizades que Margaret tinha fora da sua classe, e sem as inovações na fábrica de Thornton (incitadas pelos sermões de Margaret), este nunca viria a saber da inocência dela, e nunca seria levado a propor-lhe casamento novamente. É relevante o facto de ser um representante da classe operária a contribuir decisivamente para a união do par que é representante da classe média.

Para tornar possível o final diferente que pode prometer uma resolução social, o romance precisa de inventar uma heroína ligeiramente diferente também. No final, Margaret encontra-se como proprietária e mulher independente. Não se trata apenas da crescente sabedoria adquirida pela heroína ao longo do romance, mas da sua educação muito específica em questões de classe e trabalho. Margaret escolhe não voltar à vida luxuosa de Londres; em vez disso, sai à procura daqueles "toilers and moilers". A sua independência começa, de facto, quando sabe que vai herdar de Mr Bell. O romance é explícito nas formas como o seu dinheiro lhe permite a sua independência: ela paga a sua renda, compra as suas roupas, e também procura compreender as questões ligadas à sua propriedade. Isto porque vai propor arrendá-la a Mr. Thornton, e é este facto que vai tornar possível o casamento diferente.

Por outro lado, não existe outra heroína que pareça abraçar tão calmamente a possibilidade de vir a ficar solteira. O romance oferece a possibilidade da independência da

heroína em relação à autoridade e atenção masculinas, que só acontece com a sua tomada de consciência:

"But she had learnt,(...), that she herself must one day answer for her own life, and what she had done with it; and she tried to settle that most difficult problem for women, how much was to be utterly merged in obedience to authority, and how much might be set apart for freedom in working." (N.S.;p.508)

Ao fazer esta afirmação, Margaret está inconscientemente a dar voz não apenas ao seu próprio dilema (e ao das outras mulheres), mas também, e significativamente, ao dilema de Higgins (e dos outros trabalhadores). Isto porque uma das dificuldades mais sentidas do romance é a da resolução do problema da obediência à autoridade face à liberdade no trabalho (não só masculino, mas também feminino).

O gosto que o romance parece mostrar pela mulher de carácter forte, "equal to any emergency", é equivalente à sua necessidade de ter uma personagem central que esteja à altura das mudanças e transformações que ele descreve. Na sua visita a Helstone, Margaret manifesta o seu credo de que "...if the world stood still, it would retrograde and become corrupt" (p.488)

Do mesmo modo, quando Thornton fala das mudanças que operou na sua fábrica, ele afirma acreditar que nenhuma mudança se pode verificar excepto se as pessoas se encontrarem face a face - "in actual personal contact". No entanto, quando inquirido se isso poderá impedir as greves, ele responde: "Not at all. My utmost expectation only goes as far as this - that they may render strikes not the bitter, venomous sources of hatred they have hitherto been." (p.526). A moderação mais do que a solução parece ser o tom do romance.

Apesar de tudo, e como referimos anteriormente, o romance acredita nos próprios modelos conflituais e parece até extrair um certo prazer disso. A título de exemplo, o que parecia cansar mais Margaret em Londres era: "... the eventless ease in which no struggle or endeavour was required" (p. 458). A própria afirmação de N. Higgins: "I just look forward to the chance of dying at my post sooner than yield" (p.183) é elucidativa daquele prazer, e é-o ainda mais quando este diz : "He's worth fighting wi', is John Thornton" (p.184). *North and South* parece, assim, criticar as expectativas convencionais do romance industrial e a sua fé no encontro face a face. Este gosto especial pela "luta" que era partilhado pelas gentes do norte reflecte o próprio orgulho local de E. Gaskell. Daí a afirmação de Angus Easson:

" The power of cotton, the power of wealth and of the individual who possessed it, the political power for good and evil, the new and exciting possibilities, literally the glamour, of Manchester, were to be particularly developed by Elizabeth Gaskell in *North and South*."⁴

Além do orgulho sentido por E. Gaskell em relação à raça dos industriais do norte, como Thornton, e à sua capacidade de iniciativa e poder, existe também orgulho na independência e força dos trabalhadores de Manchester. Os sindicalistas parecem ter um fundamento nas suas razões; diz Higgins acerca dos sindicatos que eles representam: "...a withstanding of injustice...Our only chance is binding men together in one common interest." (p.233).

Apesar do que foi dito, *North and South* parece sugerir que os fins humanos deveriam fazer parte do padrão das experiências e aspirações tanto masculinas como femininas. O entendimento entre Thornton e Higgins não é o socialismo, mas também não é uma reconciliação sentimental. É mais, como se atreve a sugerir Patsy Stoneman: "...a Geneva Convention aimed at minimising civilian casualties."⁵ Da mesma forma, no decurso das suas separadas mas convergentes transformações, Thornton e Margaret não acabaram com as mentiras ideológicas que polarizam a identidade dos géneros; limitaram-se a desafiá-las.

No entanto, não podemos, em consciência, ignorar o momento histórico da escrita do romance e as suas implicações morais e culturais na perspectiva da autora. Da mesma forma que Gaskell não podia conceber a resolução do conflito social em termos de uma revolução (socialista ou outra), também não possuía as condições necessárias para poder resolver o conflito amoroso, a não ser através do meio convencional constituído pelo casamento. Em ambos os conflitos, a autora procura incluir, isso sim, elementos reconciliatórios através de uma mudança que possa levar as partes em conflito a uma convergência de interesses. Quer estes sejam de índole económica (como é o caso do contrato de arrendamento oferecido a Thornton por Margaret), quer sejam de índole social (exemplificada pelas melhorias introduzidas por Thornton na sua fábrica para ajudar os trabalhadores), existe explicitamente uma motivação humanitária e religiosa na sua convergência no romance.

North and South procura, assim, resolver "one continued series of oppositions" juntando simbolicamente (e até utopicamente) Norte e Sul num país único, através de uma união pessoal entre os representantes dos dois pólos. A resolução do conflito social reflecte-se e é reflectida na resolução do conflito amoroso, de tal modo que, em última instância, resolver um é resolver o outro. Numa sociedade que nos é descrita como inevitavelmente conflitual, o elo comum de união parece ser necessariamente a fé no trabalho, com vista a atingir os fins comuns ao patrão, ao trabalhador e à mulher (Thornton, Higgins e Margaret vão contribuir respectivamente com o seu conhecimento, o seu trabalho e o seu dinheiro

para o progresso do país total). No final do romance, E. Gaskell parece querer demonstrar que:

"It is the race that issues from this marriage that ought to rule this society and end this antagonism (...) so a higher society is established, civilized without softness, busy without excess, ideal without nicety, practical without uncouthness (...) There is in this particular creed, in this faith in work, the solution of all the difficulties that industry has created, for ... work ... is an eminently social idea, capable of reuniting men by moral ... ties ... it (...) eats away all selfishness, smashes individual interests, (...) and reduces them to no more than a link in the great chain that encircles society and makes man depend on man". (Émile Montégut, "Revue des Deux Mondes"; in Easson, 1991, pp 355 e 365).

A noção fundamental de que todos nós estamos sujeitos às leis da competição económica e devemos, paradoxalmente, ser livres de as obedecermos, retornou na actualidade. Não admira, por isso, que as questões levantadas por *North and South* continuem actuais numa sociedade onde existe um interesse renovado pelos valores de motivação lucrativa. ■

NOTAS

1. A expressão "one continued series of oppositions" é retirada do artigo de Hilary Schor intitulado precisamente "'One Continued Series of Oppositions': *North and South*, Marriage, and the Romance of a Common Language".

2. Esta citação de *Culture and Society* (p.103) de Raymond Williams opõe-se, de certo modo, à sua ideia de *North and South* ser menos interessante pelo facto da tensão de classes ser menor.

3. A ideia transmitida por Schor encontra-se desenvolvida no seu artigo acima referido, incluído na sua obra *Scheherezade in the Marketplace. Elizabeth Gaskell and the Victorian Novel*.

4. Esta afirmação de Angus Easson foi tirada do seu artigo " Elizabeth Gaskell and the Novel of Local Pride" (p.705).

5. Patsy Stonemen acrescenta, no entanto, que " The Geneva Convention, and the welfare state, are not insignificant achievements in terms of human well-being". As citações são retiradas do seu livro *Elizabeth Gaskell* (p.134).

BIBLIOGRAFIA

GASKELL, Elizabeth - *North and South* (1854-55), Penguin, Middlesex, 1986.

SHARPS, John Geoffrey - *Mrs Gaskell's Observation and Invention*, Linden Press, Sussex, 1970.

EASSON, Angus - *Elizabeth Gaskell. The Critical Heritage*, Routledge, London and New York, 1991.

SCHOR, Hilary M. - *Scherezade in the Marketplace. Elizabeth Gaskell and the Victorian Novel*, Oxford University Press, New York and Oxford, 1992.

- CAZAMIAN, Louis - *The Social Novel in England 1830-1850. Dickens, Disraeli, Mrs Gaskell, Kingsley*, traduzido por Martin Fido, Routledge and Kegan Paul, London and Boston, 1973.
- FOSTER, Shirley - *Victorian Women's Fiction: Marriage, Freedom and the Individual*, Crom Helm, London, 1986.
- WILLIAMS, Raymond - *Culture and Society 1780-1950*, Penguin Books, 1985.
- STONEMAN, Patsy - *Elizabeth Gaskell*, The Harvester Press Limited, Brighton, 1987.
- LUCAS, John - "Mrs Gaskell and Brotherhood" (in *Tradition and Tolerance in Nineteenth- Century Fiction*, Routledge and Kegan Paul, London, 1966).
- HOLSTEIN, Suzy C. - "A Root Deeper than all Change': The Daughter's Longing in the Victorian Novel" (in "The Victorian Newsletter", Spring, 1989, v.75).
- CRAIK, Wendy - "Lore , Learning and Wisdom: Workers and Education in *Mary Barton* and *North and South*" (in "Gaskell's Society Journal ", 1988, vol.2).
- PRYKE, Jo - "The Treatment of Political Economy in *North and South*" (in "Gaskell's Society Journal", 1990,vol.4).
- HARMAN, Barbara Leah - "In Promiscuous Company: Female Public Appearance in Elizabeth Gaskell's *North and South*" (in "Victorian Studies: A Journal of the Humanities, Arts and Sciences", Spring, 1988, v.31,3).
- EASSON, Angus - "Elizabeth Gaskell and the Novel of Local Pride" (in "Bulletin of the John Rylands Univ. Library of Manchester", Spring, 1985, v.67, 2).

 NS3CMN93.DOC